



A Alemanha e a Europa

Alfredo Mota *

O século XX europeu ficou marcado, pela negativa, por duas grandes guerras. A primeira de 1914-18, e a segunda, de 39-45. Os dois grandes acontecimentos que marcaram o velho continente, pela positiva, foram a constituição da União Europeia e a falência do comunismo soviético, com a queda do muro de Berlim, a reunificação alemã e o desaparecimento da cortina de ferro. Em todos estes acontecimentos, estiveram envolvidos, como protagonistas, a Alemanha e os alemães. De 1870 a 1945, isto é no espaço de 75 anos, duas das principais potências europeias, a Alemanha e a França estiveram envolvidas em três guerras: a guerra franco-prussiana, em 1871, e as duas grandes guerras, já referidas, do século XX. Todos sabem as consequências devastadoras destas guerras e, nomeadamente, da última, quando Hitler, à frente da Alemanha e do Partido Nacional-Socialista (Nazi), quis “expurgar” a Europa do que ele designava como “bolchevismo judaico”. Sobre esta II Guerra Mundial e a sua extrema violência, com mais de dez milhões de mortos, campos de concentração, bombardeamentos, destruição, etc., já quase tudo foi dito, escrito e mostrado, através da rádio, da imprensa, de livros, da televisão, de filmes e de milhares de relatos e depoimentos dos próprios protagonistas.

Sobre as consequências políticas da guerra, com a divisão da Europa e os

acordos entre os três líderes vencedores, Churchill (inglês), Roosevelt (americano) e Staline (russo), também já se sabe praticamente tudo. Acerca da reconstrução económica da Europa (Alemanha), graça ao plano Marshall, e em relação à punição dos culpados nos julgamentos de Nuremberga, em que se fez a justiça (?) possível, também tudo já foi dito. Há muitos outros aspectos que permanecem menos conhecidos, provavelmente porque não terão tanto interesse para o grande público. Um destes aspectos refere-se aos roubos perpetrados pelos nazis durante esta guerra, e muito particularmente, o roubo de obras de arte, especialmente em França e mais concretamente em Paris. O livro “O Museu Desaparecido”, de Héctor Feliciano, é verdadeiramente elucidativo sobre esta matéria, pois resulta da investigação deste jornalista, especialista em assuntos culturais, que durante mais de oito anos, investigou inúmeros documentos, interrogou peritos em arte e familiares dos espoliados, consultou arquivos de museus e de galerias de arte, entrevistou colaboradores franceses e nazis, vítimas e testemunhas.

O saque realizado pelos nazis durante a ocupação francesa foi feito de forma organizada e planeado com todo o rigor, incidindo principalmente nas colecções de judeus franceses. Para que nada falhasse, foi, inclusivamente, criado um organismo, o ERR, que dirigia e controlava todos os roubos e

que dependia directamente do ideólogo nazi e dirigente do Partido Nacional-Socialista, Alfred Rosenberg. Todo este plano era do conhecimento dos mais altos dirigentes do Reich alemão, alguns deles com interesse pessoal naquelas obras. As mais valiosas e as dos principais mestres da pintura europeia, desde a Renascença até àquela época, destinavam-se à colecção particular de Hitler e ao museu que projectava criar na Áustria, e as “sobras” eram disputadas pelo seu marechal da força aérea, Hermann Goering (número dois do regime nazi) e pelo Ministro dos Negócios Estrangeiros, Joachim Von Ribbentrop. Obras de Vermeer, Rembrandt, Van Eyck, Velásquez, Goya, Corot, Dégas, Monet, Cézanne, Van Gogh, Renoir, Picasso, Matisse e Braque, foram das mais procuradas. Envolvidos com os oficiais e peritos nazis estiveram marchands de arte sem escrúpulos, curadores de museus, galeristas, peritos de casas leiloeiras e outros cúmplices e oportunistas que aproveitaram estes roubos para fazerem negócios chorudos, em que era possível comprar por um milhão de dólares obras cujo valor era de dez, quinze ou vinte milhões. As principais colecções saqueadas foram as das famílias Rosenberg, Rotschild, Berheim-Jeune, David-Weil, Schloss e Alphonse Kann. Para se ter uma ideia da dimensão do roubo, transcrevemos do referido livro, os números referentes ao período de ocupação nazi de Paris,

desde Junho de 1940 a Agosto de 1944: “...os inventários oficiais da espoliação nazi arrolaram minuciosamente o saque de duzentas e três colecções privadas, ou seja, uma terça parte de todas as obras de arte em mãos particulares francesas. No total, mais de cem mil obras de arte, meio milhão de peças de mobiliário e mais de um milhão de livros e manuscritos teriam sido roubados pelos nazis em França.” Muitas destas obras foram recuperadas depois da guerra, mas a tarefa ficou muito aquém do que se esperava, pois segundo o autor, “...continuam ainda a faltar entre vinte mil a quarenta mil obras de arte que desapareceram em França desde a guerra e que se encontrarão, principalmente na Europa e nos Estados Unidos”, formando o tal “Museu Desaparecido”.

A Europa belicista que, no passado, pensou resolver os diferendos entre as suas grandes potências por meio da guerra parece ter aprendido a lição. Agora, é necessário que a Europa consiga resolver os seus problemas económicos e sociais. Tendo por base a solidariedade e a coesão entre todos os países, é fundamental que os mais fortes estejam ao lado dos mais fracos e que estes, por sua vez, trabalhem para se aproximar daqueles. A Europa só será fortalecida a uma única velocidade, com humildade e sem arrogância, como nos ensina a história e o seu cortejo de desgraças. À bon entendeur...

*Médico. Prof. Fac. Medicina da U. de Coimbra